

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS,
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO MARANHÃO

ILMA DA SILVA ARAÚJO

**O CARNAVAL DE RUA EM SÃO LUÍS: TRANSFORMAÇÃO E
FORMA DE EXPRESSÃO (1950 A 1970)**

São Luís
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CECEN – CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS

**O CARNAVAL DE RUA DE SÃO LUÍS: TRANSFORMAÇÃO E
FORMA DE EXPRESSÃO (1950 A 1970)**

Ilma da Silva Araújo

Monografia apresentada ao Curso de especialização em História do Maranhão da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Ms Helidacy Maria Muniz Corrêa.

São Luis

2005

ARAÚJO, ILMA DA SILVA.

**O CARNAVAL DE RUA DE SÃO LUÍS: TRANSFORMAÇÃO E FORMA
DE EXPRESSÃO (1950 A 1970)**

52 Fls.

Monografia (especialização em Historia). Universidade Estadual do Maranhão, 2005.

1. Carnaval – São Luís 2. Historia cultural. 3 festa popular – São Luís. I
Titulo

CDD: 394,25

CDU: 394,25

**O CARNAVAL DE SÃO LUIS: SUA TRANSFORMAÇÃO NO TEMPO
E FORMA DE EXPRESSÃO ENTRE 1950 A 1970.**

Ilma da Silva Araújo

Aprovado em 07 / 01 / 2006

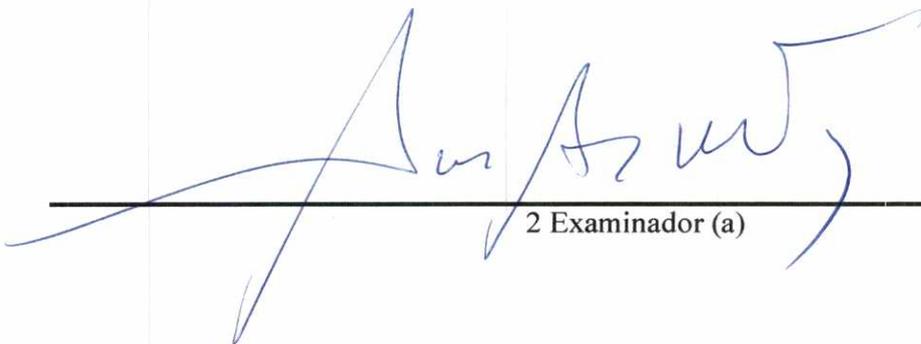
Banca Examinadora



Prof. Ms: Helidacy Maria Muniz Correa (orientadora) - UEMA

P/ Carlos Alberto Ximenes

1 Examinador(a)



2 Examinador (a)

Ao meu senhor salvador

Aos meus pais: Antônio Ferreira e Benedita Almeida

**Ao meu conjugue Alberto César e filho Leonardo
Araújo, na qual são as pessoas que estimo e relembro a
cada momento da vida.**

*“... Tou me guardando pra quando o carnaval chegar
E não posso falar
Tou me guardando pra quando o carnaval chegar
Eu vejo as pernas de louça da moça que passa e não posso pegar
Tou me guardando pra quando o carnaval chegar”*

Chico Buarque

AGRADECIMENTOS

“Tudo posso naquele que me fortalece e aquele que me fortalece é Jesus”. Neste pensar bíblico, gostaria de lisonjeá-lo pelo presente que proporcionou e proporciona que é a vida, saúde e a força para continuar mais um passo desta estrada.

Em especial aos meus pais(Antônio e Benedita), pelo suporte escolar para dar continuidade ao meu nível intelectual.

Aos meus docentes da UEMA, que ao longo das disciplinas, somando conhecimento e subtraindo lacunas da ignorância em destaque os professores Xemenes, Adriana e Marcelo.

A professora Elisabeth Abrantes, pela sua dedicação desde o início do curso e perseverança aos meus apelos e dúvidas.

Fica também registrado a atenção devida e sem compromisso para comigo o Professor e pesquisador Ananias Martins pelo seu profissionalismo e responsabilidade perante aquilo que faz.

Agradeço às amigas Karoline e Vanderluce, profissionais de área de Letras, pela cooperação e auxílio na normalização deste trabalho.

Aos meus colegas em geral que nos momentos bons e ruins estavam sempre levantando meu astral. Em particular, Robson e Márcio (auxiliares do Curso de História), meus ex- alunos(Thiago Kim e Gilmar) ao meu cunhado Júlio César, minha irmã e comadre Wilma e finalizando meu filho Leonardo Araújo e meu fiel escudeiro marido Alberto César.

RESUMO

O estudo trata do carnaval como matéria de uma historiografia definida no campo da história cultural. O carnaval possui muitas facetas e se origina na Europa para chegar ao Brasil e no ambiente tropical se transformar, sofreu ainda influência das atitudes dos negros urbanos. Há também influência de relações sociais complexas, de exclusão e distinção. No Maranhão tem características próprias e a diversidade cultural do país. Evolui ainda conforme as transformações das relações, chegando às décadas de 50 a 70 como disputa entre os ambientes da rua e os bailes de recintos fechados. Nos anos sessenta, os de rua e os de salão foram marcados pelo uso de máscaras. Nos anos setenta começou a se propagar às escolas de samba, os brincantes começaram a organizar e formar turmas que posteriormente foram chamadas de escolas.

Palavras –Chave : Carnaval; São Luís; História Cultural; festa popular.

SUMMARY

The study deals with the carnival as substance of a historiografia defined in the field of cultural history. The carnival possesss many facetas and if it originates in the Europe to arrive at Brazil and in the tropical environment if to transform, still suffered influence from the attitudes of the urban blacks. It also has influence of complex social relations, exclusion and distinction. In the Maranhão it has proper characteristics, and the cultural diversity of the country. It still evolves as the transformations of the relations, arriving at the decades of 50 the 70 as dispute enters environments of the street and the balls of closed enclosures. In the Sixties, of street and of hall they had been marked by the use of you mask. In the Seventies it started if to propagate the samba schools, the brincantes had started to organize and to form groups wants later had been called schools.

Words Key: Carnival; São Luis; Cultural history; Popular party

LISTA DE FIGURA

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Vendedores de limões – de – cheiros e outra pessoas brincando o entrudo no Rio de Janeiro..... | 25 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| LISTA DE FIGURA..... | 09 |
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. DEBATES NO CAMPO DA HISTÓRIA E CULTURA..... | 13 |
| 2.1 CULTURA ERUDITA..... | 16 |
| 2.2 CULTURA POPULAR | 17 |
| 3. EUROPA, BRASIL E SÃO LUÍS: A CONTINUIDADE E MUDANÇAS DO CARNAVAL..... | 20 |
| 4. DOS MARCOS DE DILEMAS CARNAVALESCOS AOS CARNAVAIS DE 50 A 70 | 34 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 55 |
| REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 58 |

1. INTRODUÇÃO

A História cultural tem permitido ao pesquisador diversas novas abordagens. A utilização da cultura como instrumento de análise não é mérito e especificidade da história, mas já se entrava na metodologia dos sociólogos, antropólogos e da psicologia. Com a influência das ciências sociais, a história também sofreu uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. A documentação se ampliou atingindo o cotidiano, onde se encontram cartas escritas do dia-a-dia e depoimentos de Memória.

As novas abordagens da História favorecem o que se chama de cultura popular, mas as fronteiras com a cultura chamada erudita são cada vez mais difíceis de definir, como dito adiante, “tesouro abandonado à vaidade de seus proprietários” enquanto “cultura popular” não passaria de uma definição burocrática que a torna instrumento de museu.

Como foi refletida cultura erudita da cultura popular em separado, sabe-se que não se tem esse paralelo, pois cultura é um conceito universal, suas formas e manifestações e que se apresentam específicos. Como Bosi esclarece que a cultura das classes populares, por exemplo, encontra-se em certas situações, com a cultura de massa e esta com a cultura erudita; e vice-versa.

Na matéria carnaval, como em outras novas abordagens, há imbricações de velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas, todas elas também policromas, pois já traziam um teor considerável de fusão no momento do contato interétnico, cruzando assim, as fronteiras entre o erudito e o popular.

Assim, o tema proposto busca enaltecer o carnaval nascido de uma cultura européia e que se expandiu de várias formas pelo Brasil tomando assim uma forma específica, devido à predominância escrava, sem falar que indirecionou-se como carnaval de rua para aqueles que não podiam usufruir de bailes e clubes em determinados momentos.

Com o advento do Renascimento nas cidades de Nice, Roma e Veneza observou-se um Carnaval de Rua com máscaras, fantasias e com desfiles de carros ornamentados. Esta manifestação propagou-se para o mundo inteiro, sendo modelo nos dias atuais.

Observa-se ainda que cada povo manifesta o “Carnaval” com uma concepção diferenciada e que cada vez vem se modificando e assimilando novos caracteres e novos

atores sociais. É nessa linha de raciocínio que existem variações no significado da palavra Carnaval, modificando até o calendário.

As manifestações abordadas como a problemática para as décadas específicas (50 a 70) esta relacionada ao surgimento das turmas de samba, sem, entretanto, se envolver com o debate da legitimidade da tradição. Dessa forma dividimos o trabalho da seguinte maneira: a primeira tem por objetivo demonstrar o carnaval na ótica do profano e a segunda trata-se de uma abordagem sociológica cultural, enfocando os aspectos sociais.

Diversas questões serão retratadas baseadas na obra de Ananias Martins, conforme as fases que caracterizam o carnaval de rua do período destacado. As diversas fontes serão os jornais e livros em que se destaca a pesquisa de Eugenio Araújo “Não deixa o samba morrer”, entrevistas com pessoas com idades diferenciadas para comparação de carnavais de ontem e de hoje.

No intuito de facilitar o entendimento do trabalho, dividimos o texto em três capítulos. No primeiro um breve histórico do carnaval até a chegada no Brasil e especificando em São Luís.

No segundo capítulo, centramos nossa atenção no objetivo de nossa pesquisa que é a visão do profano partindo para o olhar do historiador Ananias que fez um estudo aprofundado com a obra: Carnaval de São Luís: diversidade e tradição, que serviu para esmerar a temática, sem perder o eco da obra de Eugênio Araújo. E no último momento, identifica-se as diversas formas adotada pela sociedade para dialogar com sua forma de fazer o carnaval.

2. DEBATES NO CAMPO DA HISTÓRIA E CULTURA

O trabalho monográfico aqui desenvolvido tem como parâmetro a história cultural, pois para analisar a trajetória humana, é necessário ir além de fatores econômicos e políticos, mas desvendar valores, crenças e manifestações que acompanham esta mesma humanidade, desde que se manifestou simbolicamente em pinturas rupestres às mais complexas formas alegóricas e tecnológicas dos dias atuais.

Esse uso da história cultural não é mérito só da história, pois os sociólogos, antropólogos e a psicólogos, já dedicam-se a esse olhar. Logo, com influência das ciências sociais, a história também sofreu uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. Se antes a documentação era relativa ao evento e ao seu produtor, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial e revela também o duradouro, a permanência, as estruturas sociais.

Os documento referem-se à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social.¹

Para conceituar esse termo podemos citar Aurélio que extraído da obra de Waldenyr Caldas e serve como referencia ao interesse do estudo que é o

“Complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização a cultura ocidental (...)”²

Segundo Marilena Chauí, numa análise sobre o que significava cultura tradicional:

“Era o cultivo ou educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e refinamento das qualidades naturais (caráter, índole, temperamento)”³

O que é questionável nesse sentido é que tipo de refinamento, caráter, seria coerente ou correto? Será que a forma da tribo indígena em ensinar seus filhos a furarem as orelhas com pedaços de madeiras, ou matarem os que nascem defeituosos seria errado ou pecado? E os africanos com seus rituais e suas ervas estarão cometendo infrações aos medicamentos industriais?

Podemos utilizar o olhar de Caldas para dizer que a sociedade é formada por pessoas, regidas pelo mesmo conjunto de normas e leis para um consenso, agindo, individualmente, como reflexo da sociedade, o homem faz aquilo que seja normal e

¹ REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papiros Editora, 1994.

² Caldas, Waldenyr, *Cultura, Coleção para entender* vol 5 p. 11

³ Chauí, Marilena. *Convite a filosofia*, 4 ed p. 292.

constante nesse meio. Quanto mais nela se envolve, mais adquire novos hábitos capazes de fazer com que se considere um membro dessa sociedade, agindo e atuando dentro dos padrões estabelecidos.

Existem diversos outros autores que poderiam colaborar para ilustrar um conceito de cultura, mas não procurando me estender nas questões teóricas, apenas afirmo que é com base nos parâmetros da história cultural e seus conflitos que tentarei abordar a temática.

Quanto à forma em que se manifesta a cultura há uma diversidade planetária, mas relativo ao conteúdo há também inúmeras subdivisões possíveis de explorar, já que, no carnaval trataremos da dimensão dos sentimentos, formas de celebrar, festejar, que ainda assim, para o Brasil, varia de local ou região do país. Dessa forma, no sentido restrito, a cultura constitui a formação espiritual que eleva o gosto, a inteligência e a personificação da dimensão do universal.

Já no nosso país tropical, as mesmas formas de conduta e valores mudam mesmo tendo laços culturais semelhantes de etnia, religião, idioma, pois, mas nada impede, por exemplo, que a sociedade do Brasil tenha uma cultura que identifique todo o seu território, a exemplo do carnaval e ao mesmo tempo coexista com o multiculturalismo. Esses aspectos são necessários para as transformações culturais.

Se voltarmos aos exemplos dos índios e africanos podemos perceber que hoje existem tribos indígenas e grupos africanos que ainda usam seus rituais, porém utilizaram ou acrescentaram alguns elementos devido às transformações da sociedade que chamamos hoje de modernidade uniformizadora.

Assim, nós passamos a ter responsabilidade individual e grupal (coletivos), gerando uma identidade de cada um que dependerá de regras que vão desde os limites financeiros, culturais e estratificações sociais. Como a temática é mais no âmbito cultural pode-se estabelecer que o conceito de cultura fica muito restrito, simples e insatisfatório. Os padrões culturais estabelecem símbolos para caracterizar cada classe social, ou seja,

“Cada uma delas possui seu sistema de comunicação cujo código cada classe social passa a decodificar, isto é, compreender. Cada uma das classes, por sua vez, passa a funcionar quase como uma sociedade elementar dentro de uma configuração cultural maior, ou seja, dentro de todo o sistema social.”⁴

⁴ Caldas, Waldenyr – Cultura pág. 20

Quanto ao carnaval em si, na idade Média e na Moderna como relata em coletânea 500 anos de Brasil, Roberto Catelli Junior⁵ que as festas carnavalescas iam dos finais de mês de dezembro estendia até a quaresma. O calendário foi alterado marcando a quarta feira de cinzas, *os católicos estabeleceram que os quarenta dias que precediam o domingo de Páscoa, seriam o período da quaresma* (quadragésima em latim). Já na Europa Moderna este iniciava entre dezembro e janeiro e iria até terça –feira gorda (comer, beber, dançar hostilizar). Nessas festas existiam desde bolas perfumadas ate o polvilho, mascaras, bailes, clubes...

Neste comentário enfatizado podemos perceber as peculiaridades, mesmo se tratando da mesma festa, pois existe uma sociedade em constante transformação, o universo social, os valores estabelecidos a cada hierarquia, lugares, nomes e símbolos que faz com que haja mudança. Essas observações fazem parte do próprio círculo íntimo da pessoa que porta o objeto, e isso se justifica através de decretos, leis, instituições, normas. Então esta estratificação acontece das classes sociais que podem distinguir em cultura popular e erudita que será explicitado com mais abrangência.

2.1 CULTURA ERUDITA

Uma interessante disputa no campo da cultura se faz entre o que se chama de erudito e popular. É interessante citar o conceito de erudito que vem do latim “eruditum”, ou seja, a pessoa que possui muito conhecimento, isto é culta, alguns até chamavam de alta cultura (científica, pictórica, literária...). Essa cultura determinava ou restringia determinado grupo: a dos filósofos, dos universitários, os que produziam arte, obras (escribas). A cultura erudita é que determina a cultura popular já que a primeira é de origem da classe dominante, pois a cultura erudita também é denominada de clássica e este significa classis (latim) que é classe social (senadores, cavaleiros, magistrados...), mas esta lança mão de temas considerada popular para criar arte, leis, musica, danças e legitimar erudito ou popular. Se formos exemplificar uma música carnavalesca de Chiquinha

⁵ Mestre em História pela USP – 500 anos de Brasil, História e reflexões pág 55

Gonzaga “Oh! Abre alas que eu quero passar” ao pé da letra não teria nenhum sentido, mas quando se refere a quem o fez, no período que foi lançado não seria apenas uma marchinha simples e rimada de carnaval.

A cultura erudita é mais assistida e especificada nos tempos modernos ou renascentistas para diferenciar o medieval (velho).

“Enquanto a cultura Erudita adquire contorno na Idade Moderna, na Idade Média começa a proliferar oralmente uma Literatura de cunho marcadamente popular, como a novela de cavalaria, que, ironicamente, nasceu como expressão literária culta. Embora se diga que a Cultura popular tenha surgido na Idade Média causa pânico falar desse tipo de comportamento a partir do desdobramento dos sintagmas, projetando-se o determinante popular.”⁶

2.2 CULTURA POPULAR

Já que o próprio nome é sugestivo, não está totalmente distante das elites e não é só do próprio povo. É uma postura ou comportamento produzido que é diferente da erudita? Essa forma de cultura é produzida fora do contexto acadêmico e das áreas científicas. Ela é espontânea e pode se expressar em qualquer lugar, sua produção é anônima e o domínio é público podendo ser até coletivo. Essa divergência nos termos de popular e erudita está relacionada com a detenção dos meios de produção, como foi citado anteriormente, pois a elite pode produzir e determinar o que é cultura popular, sua ideologia, diferencia o lugar, o que comer, vestir, ouvir...

Luce Giard lembra na introdução do livro de Certeau que

“O que importa já não é nem pode ser a “cultura erudita”, tesouro abandonado à vaidade de seus proprietários. Nem tampouco a chamada “cultura popular”, nome outorgado de fora por funcionários que inventariam e embalsamariam aquilo que um poder já eliminou, pois para eles e para o poder “a beleza do morto” é tanto mais emocionante e celebrada quanto melhor encerrada no túmulo”²

² PASSOS, Iram de Jesus Rodrigues dos – A transição da cultura popular para a cultura de massa. Pág 108

⁸ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis, 2001, p.13.

Como foi refletida cultura erudita da cultura popular em separado, sabe-se que não se tem esse paralelo, pois cultura é um conceito universal, suas formas e suas manifestações e que se apresentam específicos. Como Bosi, esclarece:

“A cultura das classes populares, por exemplo, encontra-se, em certas situações, com a cultura de massa, esta, com a cultura erudita; e vice-versa. Há imbricações de velhas cultura Ibéricas, indígenas e africanas, todas elas também poliformas, pois já traziam um teor considerável de fusão no momento do contato interétnico.”⁸

É no dia-a-dia que vamos perceber esses códigos culturais e nesse aspecto e sobre as festas em específico o Carnaval que podemos fazer um breve comentário, já que não é típico do Brasil, podemos estabelecer uma certa mudança por conta dessa simbologia.

É neste sentido que o Brasil foi moldando do período colonial ao republicano, como formação dos povos europeus, indígenas e africanos.

Como foi citado o carnaval fundamenta-se em primeiro lugar no posicionamento de mentalidade, que na História da longa duração discuti-se desde os Anales até hoje, pois os intelectuais divergem no que se refere a história cultural e intelectual respectivamente o termo mentalidade, idéias não seria fácil.

Não será fácil abordar esse aspecto pitoresco ou relatar tópicos como o dia-a-dia de manifestações tão espontâneas, os desfiles sem um júri, platéias organizadas, pois os valores que levavam aos registros eram mais fechados ou encobertos pela ordem social dominante.

Essa é história dos diversos pensamentos, não de todo ilusória, na qual está impregnada e praticada até hoje, pois, através deste revelam as mentalidades e uma consciência das diferentes partes do mundo. Porém não há uma distância tão grande assim entre o interesse pelas variações de pensamento em diferentes lugares e o interesse por diferentes períodos.

Esses valores, essa memória, afirmando nas experiências tradicionais que as sociedades humanas, vem construindo sua identidade cultural com base do próprio conhecimento e auto afirmação. No campo mais amplo, ferramentando seu objeto de poder,

⁸ Bosi, Alfredo. Cultura Brasileira: temas e situações 4 edição pág 07

a busca de símbolos culturais na mentalidade que acarretam a formação da identidade coletiva. Como cita Martins:

“A festa de rua que é o carnaval primordial determina que inicialmente fosse estruturada muito mais pelas classes populares, visto que as ruas eram lugares degradados e degradantes para as elites no tempo coloniais e parte do império”⁹.

O que se pode estabelecer que o carrus navalis¹⁰ sempre cabe a criação, recriação imaginação, a memória das velhas marchinhas e as imitações, refletida ou não na tradição, mesclada pelos africanos no que se diz respeito ao samba, abrindo espaço a passarela que no início era mais tímido, na base de bola de perfume ou com água, a população queria era a diversão.

3 – EUROPA, BRASIL E SÃO LUÍS: continuidades, mudanças e diferenças do Carnaval.

O Carnaval não é uma festa originariamente brasileira e tampouco a única festa. Várias festas da antigüidade, da Idade Média, Moderna européia eram organizados rituais com esses mesmos sentidos.

O Carnaval origina-se de vários povos, pois esses apresentam significados diferentes de acordo com suas peculiaridades e tradições de apreciar. Vejamos alguns e suas manifestações:

O historiador Hiram Araujo¹¹ define os prováveis conceitos de Carnaval:

- “No Egito , festa da Deusa Isis e do Boi Apis
- Na Pérsia, festa da Deusa da fertilidade Naita e de Mira, deus dos pastores
- Na Fenícia, festa da Deusa da fecundidade Astarteia
- Em Creta, festa da Grande Mãe, deusa protetora da terra e da fertilidade, representada por uma pomba.
- Na Babilônia, as Sáceas, festas que duravam cinco dias e eram marcadas pela licença sexual e pela inversão dos papéis entre servos e senhores e pela eleição de um escravo rei que era sacrificado no final da celebração”.

⁹ Martins, Ananias Alves. Carnaval do Maranhão: Diversidade e Tradição. São Luís pág 24

¹⁰ nome dado de origem romana ao carnaval

¹¹ capturado de <http://liesa.globo.com/por08-históriadocarnaval-cronologia/históriadocarnaval..>

Observa-se que este autor classifica o ritual nas primeiras civilizações de forma simples e também de agradecimento pelo plantio. Nesse período era observado o uso de máscaras e adereços, bem como elementos como o fogo, água, terra e o ar como forças vitais.

Na Grécia e Roma com as sociedades já eram organizadas em castas e, muito rígidas, com a nobreza, o campesinato e os escravos, que nitidamente separados por categorias, acentuam-se as libertinagens e licenciosidades, provocadas, ao que se supõem, pela necessidade de válvulas de escape, juntando sexo, bebida e orgias as festas que se refere como elementos processuais e a inversão de classes, caracterizando como estético e comum do Carnaval.

No site da Liga das escolas de samba (Liesa)¹² alguns autores afirmam que a origem da palavra Carnaval vem de CARRUM NAVALIS, os carros navais que faziam a abertura das Dionisíacas Gregas nos séculos VII e VI a.C.; para outros a palavra Carnaval surgiu quando Gregório I, O Grande, em 590 d.C transferiu o início da Quaresma para quarta-feira antes do sexto domingo que precede a Páscoa. Ao sétimo domingo, denominado de “quingagésima”, deu o título de “Dominici ad carne levandas”, expressão que teria sucessivamente se abreviado para “carne levandas” depois, “carne levale”, “ carne lavamem”, “carneval” e “carnaval”. Todas essas variantes provém de dialetos italianos (milanês, siciliano, calabrés, etc) e que significam ação de tirar, quer dizer, “tirar a carne”. A terça-feira,(mardi-grass), seria legitimamente a noite do carnaval. Portanto, seria, em última análise, a permissão de comer carne antes dos 40 dias de jejum (Quaresma)”.

Na concepção de Bakhtim¹³, ele afirma que na segunda metade do século XIX, vários autores alemães defenderam a tese que a palavra carnaval viria de KANE ou KARTH ou ‘lugar santo’ (isto é comunidade pagã, os deuses e seus seguidores) e de VAL ou WAL ou morto, assassinado, quer dizer procissão dos deuses mortos, uma espécie de procissão de almas errantes do purgatório identificado desde o século XI pelo Normando Oderico Vital, como se fosse um exercito de Arlequins desfilando nas estradas desertas buscando a purificação de suas almas. Esse cortejo saía no dia de Ano Novo durante a Idade Média.

¹² <http://liesa.globo.com/por08-históriadocarnaval-cronologia/históriadocarnaval>.

Por último esse ritmo foi sendo montado pelas práticas capitalistas e criando novos adereços e signos. Mas sabe-se que nem sempre o que é tradicional é antigo, pois as danças ou os grupos podem ser os mesmos, mais a atuação e a maneira vem caracterizando arranjos, adereços modernos e atuais.

O Carnaval europeu também é chamado de Entrudo que vem do latim (intróitos) e significa início, começo, abertura da Quaresma. O entrudo está relacionado com os ciclos naturais do tempo que com a era cristã estava instituído entre os povos latinos. Em Portugal a brincadeira era bastante violenta principalmente no reinado de Afonso VI e João V, pois era constatado que brincantes se envolviam com bebidas alcoólicas.

O Carnaval de Veneza era alegre e espalhava pelas ruas, praças e, sobretudo, nos diversos canais repletos de gôndolas enfeitadas e com sofisticadas decorações criadas especialmente para a festa. Segundo Hiram atualmente as cidades italianas que possuem maiores carnavais são Viareggio, Cento, Putignano e Verres com desfiles de carros alegóricos e alegres brincadeiras (1997)

Peter Burke também relata em sua obra sobre o Carnaval europeu da seguinte maneira:

“Havia consumo maciço de carne, panquecas e (nos países baixos), Waffles, que atingia seu clímax na terça-feira gorda, que na Inglaterra do século XVII era referida como ocasião de “tanto cozer e grelhar, tanto torrar e tostar, tanto ensopar e fermentar, tanto assar, fritar, picar, cortar, trinchar, devorar e se entupir a tripa fora que a gente acharia que as pessoas mandam para a pança de uma só vez as provisões de dois meses”... As bebidas também corriam. Na Rússia, segundo um visitante inglês, na última semana de carnaval “eles bebem como se nunca mais fossem beber”¹⁴.

Nesse breve panorama europeu pode-se perceber que a coifa se refere ao Carnaval como a temática e, as ramificações são as formas da qual se manifestam, o modo de dançar, a sua cultura, a identidade, a desigualdade que é peso da característica histórica de um lugar, região, pois na qual esses traços fazem intercâmbio entre sociedades. Essas

¹³ Cultura Popular na Idade Média – contexto de Francis Rebelais. Apud site de Liesa

¹⁴ Burke. Peter – Cultura popular na Idade Moderna, 2º ed. pag 207. Apud coletânea 500 anos de Brasil (Roberto Catelli Junior)

mudanças são diferentes, porém o termo Carnaval é conhecido em todo lugar mesmo especificado de forma etimológica diferente, mas seu contexto é o mesmo. Entretanto, o momento, período, o valor, vem se modificando e projetando de acordo com os atores sociais.

Nestor Garcia faz um comentário interessante em sua obra cultura híbrida sobre a conexão do Carnaval europeu até o novo mundo no olhar globalizado:

“Esclareçamos o significado cultural de reconversão: este termo é utilizado para explicar as estratégias mediante as quais um pintor se converte em designer, ou as burguesias nacionais adquirem os idiomas e outras competências necessárias para reinvestir seus capitais econômicos e simbólicos em circuitos transnacionais (Bourdieu). Também são encontradas estratégias de reconversão econômica e simbólica em setores populares: os migrantes camponeses que adaptam seus saberes para trabalhar e consumir na cidade ou que vinculam seu artesanato a usos modernos para interessar compradores urbanos; os operários que reformulam sua cultura de trabalho ante as novas tecnologias produtivas; os movimentos indígenas que reinserem suas demandas na política transnacional ou em um discurso ecológico e aprendem a comunica-las por rádio, televisão e internet. Por essas razões, sustento que o objeto de estudo não é a hibridez, mas, sim os processos de hibridação. A análise empírica desses processos. Articulado com estratégias de reconversão demonstra que a hibridação interessa tanto aos setores hegemônicos como aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade.”¹⁵

O autor não se refere diretamente ao termo carnaval, porém quando a família Real veio para o Brasil iniciando o rompimento de colônia a nação, foi necessário impor novas estratégias, novas categorias, valores importados da Europa para iniciar o processo de aculturação brasileira. Eugênio Araujo¹⁶, descreve a chegada dos portugueses no Brasil em 1808, na segunda capital, batizada pelo infante D João VI, Rio de Janeiro, como “centro difusor de novos costumes para as províncias”.

O carnaval brasileiro foi iniciado pelos colonizadores portugueses, que já o festejavam em Portugal, com o nome de intrudo, do latim introito (entrada) e consistia em uma brincadeira de mau gosto e, de início, violento cuja vítimas, os transeuntes, eram emporcalhados com água suja, farinha, fuligem vermelha e ovos.

¹⁵ Canclini, Nestor Garcia: Culturas Híbridas 4 ed pág XXII

¹⁶ Araújo, Eugênio –Não deixa o samba morrer: um estudo histórico e etnográfico sobre o Carnaval de São Luis e a escola Favela do Samba, 2001 Ed UFMA pág 66.

Segundo Roberto Catelli Junior,

“O entrudo pode ser considerado uma das primeiras festas européias que aportaram no Brasil, havendo desde o século XVII relatos sobre colonos portugueses que realizavam a brincadeira nas ruas das cidades coloniais”.

Nestas brincadeiras o mais interessante eram os produtos e as simbologias que usavam, pois eram frutos de cera como laranjas, limões perfumadas, como demonstra a foto de Jean Baptiste Debret :



Fig. 01

Vendedores de limões- de- cheiros e outras pessoas brincando o entrudo, no Rio de Janeiro.

Qualquer pessoa familiarizada com os carnavais europeus se sentiria em casa ao observar ou, na verdade, participar de carnavais no Novo Mundo. Os paralelos são impressionantes. O lançamento de cascas de ovo ou bisnagas de ceras cheias de água, muito praticada no Rio do século XIX, por exemplo, derivou da tradição do entrudo português,

uma tradição com muitos paralelos na França, Espanha e Itália, embora os mísseis fossem ovos ou laranjas.¹⁷

Pelo menos em relação a parte da festa que foi colonizada por católicos do Mediterrâneo, foi graças aos imigrantes franceses, espanhóis e portugueses que o Carnaval se tornou importantes na vida de Nova Orleans, Port de Spain e Havana, além de Rio, Salvador e Olinda. Logo, usar máscara ou fantasia era um modelo típico ou costume de tradição na Europa. Assim, o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro hoje lembra as paradas e carros alegóricos que já se viam em Florença e Nuremberg no século XV.

Queirós descreve com detalhes as brincadeiras de rua dos cariocas envolvendo rapazes com fantasias luxuosas e alguns já usavam carros alegóricos copiando da França para desfilar nas avenidas com o intuito de disputar premiação de concursos:

Proliferavam também pelas ruas, bandos de rapazes mascarados, cantando em altos brados ao som de instrumentos insólitos, e representando às vezes comendiazinhas cômicas e mesmo dramáticas. (...)Rivais entre si, queriam vencer pela beleza e pelo luxo de suas fantasias, ou pela realização das farsas mais originais. Foram também as famílias aristocráticas ou muito ricas, tomando o hábito de passear de carruagem pelas avenidas centrais, ao fim da tarde. A riqueza dos trajes e da ornamentação dos carros demonstravam a envergadura da fortuna; e logo se estabeleceram concursos com prêmios para as mais esplêndidas fantasias, as mais belas carruagens¹⁸.

Como o Carnaval veio de modelos europeus e se identificou mais no setor urbano, as camadas médias passaram para os automóveis com o desenvolvimento do Corso.

Ananias Martins, em sua obra *Carnaval de São Luís diversidade e tradição* discorre sobre o Carnaval ludovicense, questionando se seria do Corso, se tivesse batalha de confete, escola de samba, fofões. Observando essas características, concluímos que todas são de rua, popularizando a folia maranhense, pois para Martins e outros autores ou estudiosos no Brasil pelo período histórico na formação da população brasileira as ruas eram *“lugares degradados e degradantes para as elites no tempo colonial e parte do império”*, pois a sociedade era escravista:

¹⁷ Extraído da obra de Peter Burke – *Varietades de História Cultural* pág 217 – na qual ele cita como autor desse comentário Graham Lorem Wolf Lepenies e Peter Weijart 1983.

¹⁸ Queiros, Maria Isaura Pereira de – *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*, São Paulo brasileiro, 1990 Apud Eugenio Araújo op cit p 66,67

“A exceção do entrudo, onde todas as classes e categorias sociais participavam, o Carnaval de São Luís manifestou sua pujança inicial com as brincadeiras dos escravos e pobres, trabalhadores braçais, que naturalmente congregava-se nos espaços públicos em momentos de liberação do trabalho”¹⁹.

Apesar das elites perceberem ou se sentirem ameaçados pelo transeuntes, gostavam de observar os negros vestidos de calções curtos de seda, gibão e manto, mulheres negras com suas curvas sinuosas e gíngados que aglomeram nas ruas com suas batucadas e outros remexidos, como observa da Matta:

“Esse centro da cidade tão nervoso e histórico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o carnaval. Transforma-se, sob um chamado ‘esquema carnavalesco’, um centro de decisões impessoais (onde negócios são realizados) em centro de todo tipo de encontros e dramatizações típicas do carnaval. Assim área bancária e comercial do Rio fica transmudada numa imensa passarela, onde as pessoas passeiam e se olham mutuamente, usando os costumes apropriados ao carnaval (suas fantasias) ou não”²⁰.

Nesse compasso se é lugar de domínio ou não o certo é que a rua, desde o período colonial até o republicano, seria o local ideal até mesmo para as elites que insistiram em usar clubes, por serem lugares restritos que não deixaram de valorizar ou até participar com seus lócus dessas manifestações.

Com o advento da República, o carnaval evoluiu até tomar o aspecto atual, com desfiles e bailes de mascaradas. Logo se formaram blocos e escolas de samba que deram novo colorido e brilho ao Carnaval. Entretanto, mais uma vez, as escolas de samba tiveram seus antecessores na classe média.

“Como os “Democráticos”, “Tenentes do Diabo” e “Fenianos no Rio do século XIX, são reminiscências dos Abades da Juventude e outras sociedades festivas européias. O que os fenianos

¹⁹ Martins, op.cit. p. 24.

²⁰ Da Matta, Roberto – Carnavais, malandros e heróis págs 111,112

(fundados em 1858) representaram no Rio alguns anos depois é uma questão fascinante, mas capciosa. Além de acrescentar um exótico toque irlandês as festividades, foram provavelmente escolhidos por seu republicanismo. Este ideal político atraía um número substancial de brasileiros antes que a República fosse fundada em 1889, e as referências políticas são tradicionais nos carnavais brasileiros. No Rio em 1903, por exemplo, houve críticas do imposto do selo. Em 1964, após os generais tomarem o poder, o samba de sucesso Tristeza começava com ‘por favor, vá embora’. Também neste caso, há paralelos europeus, temas políticos semelhantes variando dos protestos contra o imposto do selo de Madri, em 1937, aos recentes carnavais italianos escarnecendo da corrupção do ex-primeiro ministro, Benito Craxi.²¹

Para Burke, no caso da relação do Brasil com a Europa, precisamos levar em conta não apenas a tradição inconsciente, mas também a imitação consciente. Os brasileiros, em particular das classes médias, eram e na verdade ainda são muito atraídos por modelos culturais de Veneza, Roma e Nice são exemplos no Brasil do século XIX.

“Citavam-nos na imprensa como modelos de Carnaval “civilizado”, nas tentativas de proibir o estruído e substituí-lo por alguma coisa mais racional, higiênica, moral e “européia”. Para um historiador europeu, é provável que a situação pareça um tanto irônica. A elite brasileira considerava o Carnaval europeu não violento, um Carnaval “bom” e civilizado, em contraste com o Carnaval brasileiro, “ruim” e não civilizado. O Carnaval europeu talvez se tenha tornado relativamente comedido a essa altura, mas no início do período moderno a violência era lugar-comum. Como registrou um visitante inglês em Veneza, em fins do século XVI: “Na noite da Terça-feira Gorda, houve dezessete assassinatos, e muitos feridos”²².

Evoluindo da participação, reforma, afastamento a redescoberta. É evidente que o carnaval tem-se o olhar ‘de cima’ em que algumas atividades populares quase não visíveis mas pelo menos no que se refere as elites, esse modelo tem suas utilidades.

Pode-se qualificar o estágio de participação a partir que todos incluem neste processo, adequado ao tipo de vestimenta, tipo de mascaras e adereços.

O momento da reforma está relacionado com o modo que pode-se ver o carnaval não mais como loucura e sim como ‘racional’, ‘higiênica’ e ‘civilizada’²³ no parâmetro europeu. Essas tentativas de reforma provavelmente atingiram seu clímax no Rio na época

²¹ Burke, Peter (2000) ob cit pág 218

²² Burke, Peter (1978), 187. Extraído da obra citado acima pág 218

do Prefeito Francisco Pereira Passos, por volta de 1900, quando se transferiram os desfiles da rua do Ouvidor, no centro da cidade, para avenidas na periferia, onde podiam ser controlados com mais facilidade. Essa tentativa coincidiu com uma campanha de saúde pública e uma reconstrução da cidade, o que provocou resistência e até mesmo distúrbios.²⁴

Houve um certo afastamento da participação pública das elites, que freqüentavam ambientes restritos, um carnaval dos escolhidos, substituindo o antigo que era mais de rua e festejado pelos africanos.

O Brasil, como outras partes do Novo Mundo, atravessava hoje o quarto processo, o da redescoberta da cultura popular, em particular a cultura afro-americana, pelas elites, incluindo a 're-africanização do carnaval. Também ocorreu (pelo menos no Recife) um retorno da classe média ao Carnaval de rua, que se retirava para o mundo fechado dos clubes e hotéis.²⁵ Desnecessário dizer, esse quarto estágio se relaciona com a comercialização de uma festa que se tornou um grande negócio, e em que a televisão e gravadoras, assim como agências de turismo (para não mencionar os proprietários de estabelecimento de jogo e traficantes de drogas), passaram a envolver-se profundamente²⁶.

“O que diferencia o carnaval americano dos outros continentes, em específico o Europeu que é essencialmente o elemento africano. A trajetória dos carnavais do novo mundo no decorrer dos últimos duzentos anos corre paralelo a dos europeus entre os séculos XVI e XIX”²⁷.

No carnaval maranhense, suas brincadeiras modernas aliam-se a tradição dos fofões, casinha da roça, blocos tradicionais, tribos de índios, tambor de crioula, fantasias na rua e muita animação e maisena.

²³ como o chamou o Jornal de Noticias de Salvador, em 1884

²⁴ Leonardo Affonso de Miranda (1994) O Pereira. Carnaval das Letras, RJ, 39 ff.

²⁵ Real, Katarina (1967) O folclore no Carnaval de Recife, 2 ed. Recife 1990.

²⁶ Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro (1994) Carnaval Carioca, Rio de Janeiro

²⁷ Burke, 1978, 178ff, 207ff, 281ff; cf. Pereira (1994)

Observa-se, portanto, que a festa maranhense nunca esteve isolada das outras; pelo contrário, procurou sempre se atualizar, adotar novidades, fazer adaptações, tendo como referência, nos tempos do império, o carnaval da corte, e posteriormente na república, o carnaval da capital federal, sempre o Rio de Janeiro.

Com foi citado no início que a população maranhense em sua maioria era de origem africana,

“A dança é o lugar ocupado pelos elementos africanos no Carnaval e em outras festividades latino-americanas. A comemoração da festa de Corpus Christi no Brasil colonial, na província de Minas Gerais, por exemplo, incluía carros alegóricos e danças de negros com bandeiras, instrumentos de percussão e músicas – todos elementos a serem encontrados mais tarde nos carnavais brasileiros. A tradição do maracatu, cucubi, congada ou ‘reis do Congo’, a entronização de reis e rainhas negras vestidas com fantasias deslumbrantes na festa de Nossa Senhora do Rosário, mais uma vez em Minas Gerais, também foram transferidos para o Carnaval”²⁸.

José Ramos Tinhorão em sua obra “As festas no Brasil colonial” reforça a tese de que no rastro das comemorações religiosas surgiam festas populares pagãs no Brasil Colonial:

“Esse movimento no sentido do encaminhamento das festividades, da área limitada do interior do templo para o céu aberto do espaço público, iria provocar desde logo um competente deslocamento da diretriz religiosa de tais manifestações (baseada no estímulo à fé e à devoção) para objetivos profanos (cujo maior interesse era a afirmação do poder secular e a busca de diversão)”²⁹.

Não é diferente olhar maranhense pois muitos elementos religiosos foram incorporados ao carnaval pela magia de espantar os males que os festejos exibem e dramatizam a interação entre diferentes grupos e subculturas étnicos.

²⁸ Real, Katarina (1967) O folclore no Carnaval de Recife, 2 ed. Recife, 1990.

²⁹ TINHORÃO, José Ramos. As festas no Brasil Colonial. São Paulo: Editora 34, 2000, p.67.

Martins divide o Carnaval ludovicense em três distintas fases na qual foi direcionado o período tratado neste trabalho e será exposto a seguir com o objetivo de diferenciá-los.

Ele destaca o primeiro, em Carnaval colonial onde mistura a questão religiosa com os grupos de negros oriundos do continente Africano para o trabalho braçal que assimilaram com a cultura européia e adaptavam nos seus ritos.

Nesse primeiro momento as atividades eram mais rurais devido ao latifúndio e o domínio fazia parte da metrópole. Essa manifestação era denominada de Congo (antigas epopéias angola conguesas) misturava características monarquistas com africanas e possuía uma estrutura para passar nas vielas ludovicenses, como afirma Ananias Martins:

“Dança do Congo – pum! Pum! Pum! Lá vinham os negros requebrando-se, saltando, pungando. Á frente o rei congo; uma coroação se reproduzia. Acompanhava-o a filha, a linda princesa Juni. Mas eis que tomada de um mal desconhecido a moça foi morta.

E o canto lúgubre e dolente, reproduzia a tristeza ocorrência.

O pai inconsolável chamava os feiticeiros da tribo, prometendo a mão da princesa a quem lhe ressuscitasse a filha.

A magia negra entrava em ação, o feiticeiro erguendo-se sobre o corpo já frio, benzia-o, soprava-lhe a boca, e a princesa voltava a vida. Pertencia aquele homem, porque palavra de rei não volta atrás. Então, a música e os cantos, de novo alegres e vivos, contavam o casamento e terminavam pela invocação a Virgem Senhora Maria.”

A segunda fase é a dos cordões onde a rua era o palco principal onde desfilavam “os cordões de ursos, de fofões, de dominós, de diabos, de pierrôs, de arlequins, de baralhos, de macacos, de sujos³⁰ .

De diversas formas podemos descrever o CRUZ - DIABO, que tinha vestimenta encarnada, chifrudo, de lança comprida na mão, gritando hurra e correndo atrás da moçada; o urso destacado no carnaval de cordões em São Luís, com a máscara e uma imitação de pelo feito de saco de estopa, em que prendia um rabo comprido. Sua demonstração era parecido com o circo e com o teatro.; FOFÕES, de roupas folgadas e alegres usada com máscaras de personagem em destaque ate hoje encanta o carnaval de rua. Este personagem típico causou até estranheza para uma turista que veio passar o carnaval na ilha quando

³⁰ Martins p. 81

deparou-se com o personagem e assustou-se dizendo que roupa engraçada parece uma vestimenta de macaco pelo seu jeito solto e colorido animado o carnaval de rua ao passar na avenida.

O que permanece e o que modificou do Carnaval sempre levou um questionamento que perdura na memória e inquietação do povo a respeito da representação e a simbologia que está modificação inventou e que é a mudança ou inversão de papéis e as diferenças sociais que no carnaval de rua fica evidente principalmente no que se diz respeito do julgamento de valores do ser e do ter compartilhando a rua com as brincadeiras de cordões, de fofões, das máscaras...

Isto não quer dizer que os elementos do período colonial desaparecem, pois incrementam os atuais atores sociais elegendo a máscara como elemento principal. Segundo Martins os cordões não possuíam um ritmo musical próprio, como foi mencionado anteriormente, mas acrescenta-se novos ingredientes para um período diferenciado em que a economia estava modificando as cidades, modernizando a indústria, no campo externo consagrando e aprimorando os vestuários, as ruas, casas, mostrando o inovador e o diferencial. Esse debate não se esgota aqui, pois falta a última fase que é do samba na qual não tem a pretensão de enfatizar ou aprofundar, fazendo apenas um esboço para caracterizá-lo e diferenciá-lo os dois citados anteriormente.

Começaremos com Eugênio Araújo questiona o porque o samba maranhense não cresceu se compararmos com o carioca já que apresentamos toda uma estrutura e categoria que poderia elevar esta fase ao êxito. Porém ele associa a economia principalmente a algodoeira, visto que os comerciantes investiam mais no econômico do que no setor cultural que até hoje ainda é uma cidade com uma economia agrícola exportadora. Como a economia está associada a política, os meios de comunicações noticiavam que os grupos deveriam virar escolas e neste momento, 1940, surge em São Luís a Flor do Samba, dando a abertura para outras escolas com suas alegorias e difundida em todas as categorias (classes).

Com concurso muitas escolas se aperfeiçoavam, a Favela do Samba era uma delas. Eugênio com seu estudo específico da Favela afirmava que nesse período em 1950 a mesma foi influenciada pelo carnaval carioca. Influenciada ou não, as escolas de samba do Rio de Janeiro, São Paulo e São Luís acontecem em ambiente ímpar, com seus atores,

tradições, estruturas, hierarquias, levando em conta sua distinção. Mesmo num país com limite e dividido em cinco regiões, possui toda uma história em formação e continuidade, com cita Renato Ortiz :

“Não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”³².

A necessidade de discutir o período de 1950 e 1970 nesta monografia está no campo da memória coletiva regional. Para este período era necessário caracterizar-se regionalismo, mesmo porque eram províncias até 1889 e de lá para cá tornaram-se estados, sendo que, os 27 estados tem suas peculiaridades.

4. DOS MARCOS E DILEMAS CARNAVALESCOS AOS CARNAVAIS DE 50 A 70

No Maranhão, mais precisamente, São Luís que foi fundada ou ocupada pelos franceses, observamos várias manifestações literárias, com traços europeus, africanos e indígenas e que não seria diferente com suas características variadas no setor cultural que vai do tambor de crioula, bumba meu boi, festa do divino e entre outras, sem falar do Carnaval que neste período é embalado pelos os cordões que servem como um dos parâmetros demarcatórios de fases na obra de Ananias Martins, pesquisador atento aos marcos, apesar da concisão de suas abordagens. Na narrativa, faz uma viagem no tempo, trazendo lembranças como se estivéssemos vivendo certos momentos históricos.

Em um trecho Martins cita em sua obra que no início da década de 1970 a rua era o palco principal para os “*cordões de ursos, de fofões, de dominós, de diabos, de pierrôs, de arlequins, de baralhos, de macacos, de sujos e muitos outros*”³³.

Relacionar os grupos sociais e os níveis culturais, ou seja, os pensamentos gestos coletivos, as crenças, rituais, modelos que era até então particular dos etnólogos. A tomada de consciência regional parte das praticas culturais, aspirando um significado de visão de mundo. Essa consciência coletiva é portadora de uma idéia básica, que e a singularidade

³² Renato Ortiz: Cultura brasileira e identidade nacional pág 8

³³ Martins. pág 81

das idéias partilhadas, mostrando suas representações no particular, do rotineiro, do imaginário atingindo a coerência e a legitimação.

O objetivo desse olhar é para reforçar o argumento da pesquisa em valorizar o carnaval de rua, onde multidões demonstram seus gestos, modos, mascaradas sem a preocupação da repressão, negação,

“A moralidade pessoal, todavia com seus códigos de interesses, intimidade e respeitos, acionam circularmente os mecanismos jurídicos impessoais, de modo que as relações entre os dois sistemas são complexas e problemáticas”³⁴.

O que na literatura é dinâmico e essencial torna-se necessário ultrapassar além dos comentários do olhar inicial, ou seja, é importante iluminar aqueles períodos ou produções de distinções culturais. É nessa brecha que cabe dar terreno ou espaço para formular maneiras para novos símbolos, linguagens ou outros enfoques para priorizar a expressão entre o público e o privado, a rua e a casa. Junto a isso surgem novas fontes de verificação, a exemplo da história oral.

O conceito de cultura inserida nas Ciências sociais e nas mentalidades em específico, abraça o norte de provas através da história oral, das fontes escritas e não escritas para comprovar e justificar que

“As idéias apreendidas por meio da circulação das palavras que as designam, situadas nos seus enraizamentos sociais, pensados na sua carga afetiva e emocional, tanto quanto no seu conteúdo intelectual, tornam-se assim, tal como os mitos ou os complexos de valores, uma dessas forças coletivas pelas quais os homens vivem o seu tempo...”³⁵

É o período que admite temas como sexo, drogas, nudez, irreverência, nega-se o trabalho em nome da festa, finge-se, esquecer do cotidiano, homenageia a desordem, reduz aos três dias gordos, não é tipicamente brasileiro e o sucesso que a inversão é permitida.

³⁴ DA MATTA p. 239

³⁵ CHARTIER pág 43

Por um momento os indivíduos libertavam de seus papéis, transformando a ordem cotidiana a fim de realizar seus anseios.

No carnaval, o travestimento, o sentido duplo, o folião, a máscara são elementos para a brincadeira, como uma farsa, pode ser aproveitamento para reivindicações sérias ou pretextos para criticar a classe dominante. Esses espaços da reprodução caricatos não são proibidos, eleva a pobreza à condição de nobreza, que consagra a confraternização geral, universal, em que os preconceitos de raça, cor, condição sócio econômico e raiz familiar são omitidos.

O carnaval das ruas, praças, ruelas, com orquestra que o povo tem direito além dos confetes, serpentinas, tudo que tem direito e a oportunidade de driblarem o assédio dos políticos que atacam nos clubes e passarelas oficiais.

Nessas crenças, valores que aos poucos, alguns cordões evoluem também para novos elementos, ganham acompanhamento de uma pequena charanga e saem em passeatas carnavalescas. O Baralho toma diversos significados alegóricos e de classe, na ótica de Nonnato Masson e sua crônica-poema:

“O cordão vai passar. É o ‘baralho’, o brilho das Barrocas, vai gente de todo tipo e tamanho.

Na frente vai a porta-bandeira faceira, fuzarqueira, rameira, reboladeira, vestida de azul cintilante, estrelando de branco, a saracotear, a agitar o verde pendão do cordão brilho das Barrocas, pendão verde-bonança que a brisa de São Luís beija e balança.

O mestre-sala vai de fraque amarelo e calça verde apertada na regada; brilha o luminoso do cetim. Na cabeça, um despropósito de cartolina alviázul de papelão.

A música é de flauta e clarinete, violão e cavaquinho, pandeiro, e reco-reco, harmônica e maracá de folha de flandres.

Os crioulos dos tambores vão só de ceroulão, nus de cintura para cima. As crioulas, não. Cada crioula veste cabeção de renda e saia de veludo, com anágua engomada, pra não aparecer o bicho cabeludo.

Rebola bola, você diz que dá, que dá. Rebola bola, na bola você não dá, e tome punça! E tome umbigada!Êta, crioulas inzoneiras, metedeiras, parideiras!

Viva o Brilho das Barrocas, viva o nosso cordão, viva a nossa brincadeira!

Hoje é carnaval, hoje o dia é nosso!

Vale tudo como fantasia, roupas da marinheiro de chegada, de Caninha Verde, Dança de São Gonçalo, Terecô, bumba-meu-boi, roupas do Divino e dos terreiros de mina, fôfão, dominó, cruz-diabo. E lá vai o cordão.

Lá vai o cordão com a patuléia, a sarandalha, a fina flor da escumalha. Só gente plebéia, agitada, destrambelhada, excitada, suada, a pular, a gingar, a cantar, a baralhar, a multidão encachaçada, saída das Barrocas coloando, serpenteando, ziguezagueando, volteando pela cantaria e cabeças-de-negro da Rua da Alagadeira.

Vai o brilho das Barrocas em três colunas por um, podia ser de mais, mas vai mesmo assim, amar e gozar, cada um segurando com as mãos a bunda do outro para não sair da linha nem perder o ritmo, a porta-bandeira na frente já está lá em cima na Rua dos Afogados, quase saindo na Rua dos Remédios, e o rabo do cordão se arrasta ainda pela Praia do Cajú.

Quem vai, vamos, que é carnaval, o dia é nosso!

Vai gente de toda laia e de todo ofício, até mesmo a súa dos sevandijas.

Um piquete de cavalaria da Força Pública, cada meganha com seu chanfalho, vê o brilho das Barrocas passar serpenteando, em frenética algazarra, pela Rua dos Remédios, no rumo da Rua do Passeio.

De vez em quando cessa o som da corda e do sopro, o cordão pára a faz roda. Desta feita foi no Largo do Quartel. Os crioulos, ajoelhados, esmurram os tambores e as crioulas cantam e dançam. As crioulas reboleadeiras reboiam, quebram, requebram, seios duros bulindo, o cabeção sacudindo. Rebola, crioula. E tome punga! Tome umbigada!

É o Baralho, cordão de muita gente, gentinha, animando o Carnaval de Rua de São Luís, no começo do século, com tambores de crioula e música como o "maxixe"³⁶.

O Baralho sendo uma brincadeira típica do carnaval maranhense também possuía elementos africanos tendo se manifestado com mais vigor do afrouxamento dos laços da escravidão na metade do século XIX à gradual integração dos negros na sociedade no início do XX. Ela critica os valores sociais vinculados a escravidão, na medida que comportava uma inversão de papéis estigmatizada, onde o negro se pintava de branco e usava o consagrado instrumento de nobreza, a sombrinha ou guarda-chuva, para desfilar pelas ruas aos requebros. Após o fim da escravidão, a brincadeira do baralho passou a ser usada pela população periférica ao centro, onde moravam os mais pobres, localizados perto das praias, do Caju, Santo Antônio, praia pequena e Desterro. Percebe-se que pela localização que a brincadeira era de gente do povo, humilde e simples, escravos sobretudo.

O que podemos observar através destas características, estão relacionado com os grupos de formação brasileira em especial aos africanos que compunha a população em maior escala, sendo que mesmo as manifestações trazidas pelos brancos podiam ser aproveitadas nas ruas. No período colonial a festa de Corpus Christi específico em Minas Gerais, incluía carros alegóricos e danças de negros com bandeiras, instrumentos de percussão e músicas se expandiram mais tarde em toda as regiões.

Essas passagens são concretizadas ou permitidas quando as ruas e vielas dos bairros residenciais ou periféricos das cidades aceitam e legalizam as agitações, manifestações folclóricas. E as famílias locais as recebem nas suas calçadas, em frente das suas casas: blocos, charangas e entre outros. Como cita Da Matta referente a procissão em sua obra Carnavais, Malandros e Heróis:

³⁶ Nonato Masson da Academia Maranhense de Letras, é jornalista e cronista do jornal "O Estado do Maranhão" em entrevista ao suplemento Cultural do Sioje 1994. pag 23

“Novamente temos o problema de uma transferência ou realocação de lealdades, agora no nível mais íntimo, pois implica o uso do corpo como expressão é, assim, um campo intermediário, onde o corpo assume uma posição central. Por isso, é claro, o santo pode curar doenças e mazelas. Realmente, é como se o ‘corpo dos fiéis’ perdesse suas fronteiras e, nos momentos mais fervorosos, pudesse juntar-se ao corpo da própria imagem, dando-lhe vida. E nesse movimento, em que o público e privado perdem o sentido, as curas podem tornar-se realidade”³⁷.

O que podemos extrair para comparar com o Carnaval é a magia que o Carnaval expõe na qualidade de divisões e separações, onde podem entrar e sair do grupo dando a liberdade para quem quiser participar.

E da Matta ainda explicita comparando com o carnaval de rua é que se pode fazer ou não seguir certos ritos que são estabelecidos em clubes, pois na rua assume o encontro aberto. Nos clubes tem que comprar ingressos, existe um palco onde fica a banda ou orquestra, uma sala grande onde ‘brincam’ individual ou coletivamente, mesas, cadeiras, camarotes. Embora o autor diga existir uma mesma lógica a do carnaval de rua, seria interessante enfatizar que no plano de categorias sociais, na condição econômica, o brincante se estivesse que escolher administrar seu espaço preferia o clube do que as ruas mesmo porque, foi forçado sua escolha e mais uma vez soube destacar-se usando roupas e adereços para valorizar sua cultura local ou regional.

“No carnaval, em vez das marchas frenéticas e mortais dos ônibus e automóveis, temos uma marcha invertida, sem rumo ou direção certos. O caminho do carnaval é altamente ritualizado porque é abertamente consciente de si mesmo. Nele, não importa muito aonde se quer chegar e o modo como se chega, mas simplesmente caminhar sem rumo e sem direção, gozando intensamente o ato de andar, ocupando as ruas do centro comercial da cidade, local das leis impessoais e desumanas do trânsito do mundo diário”³⁸.

Mesmo que existisse esta sincronia o que interessava é cultivar o comportamento das crenças, valores de uma sociedade. Na busca da felicidade do prazer dentro de um certo estilo.

³⁷ p. 106 obra citada

³⁸ Da Matta, p. 114 obra citada

A multiplicidade de eventos que ocorrem simultaneamente num mesmo espaço, típica de rituais de inversão como o carnaval, ajuda a transferir as lealdades mais fortes – da família, da casa, da classe etc., essas identidades sociais permanentes e cotidianas – para uma situação, um contexto específico que se define como altamente dramático porque nele ocorrem (entre outras coisas) muitas ações ao mesmo tempo. Não há uma ordem de ‘entrada’ ou de ‘saída’, como num palco de teatro, ou num evento ordenado em rotina. O mundo social assim apresentado passa, então, a ter um ritmo e uma intensidade maiores e muito mais abertos do que o nosso sistema de classificação pode simplesmente digerir³⁹.

Por sua vez, não se pode ingenuamente defender uma formação cultural isolada, sem interação, original por força do orgulho, já que São Luís do Maranhão, em parte isolada pelos iniciais tempos de colônia e em parte integrada ao convívio social da nação nos tempos imperiais, nunca deixou de ser elemento de um todo definido, por uma tipologia comum, de formação do que se chama ‘povo brasileiro’, ao menos nas regiões em que as características se forjaram representativas do tipo popular, manifestada em folias carnavalescas e não carnavalescas, a exemplo de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.⁴⁰

É nessa mesma linha de raciocínio que Vera Cruz Marques⁴¹ dá seu depoimento sobre a memória do Carnaval de rua no Maranhão, que aqui reproduzimos em parte como importante documento:

- Como o Sr vê o carnaval do passado?

Vera Cruz – O carnaval do passado era uma manifestação autêntica em que o povo, fundamentalmente, era a figura central, porque era ele quem fazia a festa e era ele quem dela se beneficiava. Era uma participação direta e efetiva, sem personalismos e pretensões de projeções individuais.

Havia muita espontaneidade e o povo brincava o carnaval de rua, que era o ponto alto do carnaval maranhense, sem a sofisticação dos dias de hoje, em que existe a pretensão de se querer imitar o carnaval carioca, que também já é uma deturpação do carnaval passado.

³⁹ Idem, p.116

⁴⁰ Martins, Ananias Carnaval de São Luís: tradição e mudanças, pag 16

O povo não mais participa do carnaval como antigamente?

Vera Cruz – o povo participa, mas não é dele a iniciativa, a criatividade. Ele segue o rumo traçado por aqueles que se intitulam incentivados do carnaval. A muitos deles não se lhes nega boa vontade, bons propósitos, porém, muitas vezes terminam deturpando essa festa eminentemente popular, tirando-lhe as características naturais.

De que maneira foi o seu envolvimento nos carnavais?

Vera Cruz – minha participação foi muito ativa desde o começo da minha juventude. Inicialmente fiz parte do bloco “oba”, um dos blocos tradicionais da terra, fundado por Nazar e com fantasia de corsários. O “oba” era uma das grandes atrações com outros blocos, como o ‘vira –lata’, “os sentenciados”, etc. Com a extinção do ‘oba’, eu me integrei ao “vira-lata” e o fiz até o encerramento de suas atividades. O ‘vira- lata’ foi, na verdade, o grande bloco do carnaval maranhense, cuja extinção ainda hoje muitos lamentam. Mas os dias são outros e São Luís já não comporta blocos como o ‘vira – lata’.

Parece que sua maior dedicação foi com o carnaval de rua?

Vera Cruz – Sim. Embora as apresentações do ‘vira –lata’ fosse nos clubes da cidade, minha maior participação foi nos carnavais de rua.

Mas foi por minha iniciativa que se realizou em São Luís um grande baile do Teatro, por ocasião dos 25 anos comemorativos da existência do ‘vira – lata’. Esse baile contou com a ajuda da Prefeitura da Cidade, na época dirigida pelo Dr. José Burnett, que deu respaldo a promoção e contribuiu decisivamente para o brilhantismo daquela festa inesquecível. O nosso teatro, com a sua imponência arquitetônica, com a bela decoração que recebeu, dava a impressão de que se estava num baile de gala do Municipal, no Rio de Janeiro. Essa festa foi promovida em benefício das obras sociais da ADAPI (Associação de Assistência e Proteção a Infância).

Qual o motivo da decoração do Teatro?

⁴¹ brincante do carnaval de rua, entrevista para o jornal Suplemento Cultural do Sioge. 1994

Vera Cruz - era um circo. Todos os participantes do baile se vestiram de modo a compor o ambiente de um grande e alegre circo.

Voltando aos blocos: qual o ponto de destaque deles?

Vera Cruz – o ponto maior dos blocos era como é natural, sua apresentação com sua bela fantasia e nós cantávamos nossas próprias músicas, pois o bloco tinha seus músicos, seus compositores. Esse bloco conquistou quase todos os prêmios de concursos de que participou. Por isso terminou passando a uma categoria especial de concorrente. Já recebia prêmios independentemente de participação nos concursos.

Havia alguma instituição que patrocinasse os prêmios?

Vera Cruz – a prefeitura, através de uma comissão, classificava os blocos, as escolas de samba, os grupos de tambor de crioula, como se faz hoje em dia. Nesse particular não houve muitas modificações. Isto de um certo tempo para cá, por antes, a consagração era feita pelos aplausos do povo.

De qual carnaval falaria hoje com particular ênfase?

Vera Cruz – o carnaval do Jubileu de Prata do ‘Vira –Lata’, com o grande baile do Teatro Arthur Azevedo. O ‘vira –Lata’ era, na verdade, uma grande família.

- Ainda hoje o senhor participa do carnaval?

Vera Cruz – participo, sim. Hoje, como há muitos anos, eu marco presença no sábado de carnaval, vestido de mulher. No Lítiro é sempre uma atração a minha presença, sendo o ponto alto quando desfilo vestido de debutante. Outras vezes que apresentei trajado de portuguesa, com roupas adquiridas em Portugal.

Certa ocasião inovei bastante e lá apareci vestido de Chacrinha.

Suas brincadeiras são particulares?

Vera Cruz – sim, só da minha família, como por exemplo, há cerca de três anos, quando me apresentei como ‘pé –de-pano’. Eu estava simplesmente com os pés

enrolados em panos, o que provocou uma verdadeira ovação no Lítiro. No carnaval conta muito a criatividade e o espírito de verdadeira alegria. Com as minhas coisas, sem preocupação de exibicionismo, se pode brincar e ser atração até mais do que certos carnavalescos de hoje em dia. O carnaval deve ser atual. Com um estalo se prepara um bom carnaval. Basta inventar, se jogar muito para ter uma boa brincadeira.

Já tem algum tipo de brincadeira idealizado para este carnaval?

Vera Cruz -- Não, essas coisas surgem de estalo.

Como o senhor vê o carnaval de hoje?

Vera Cruz – hoje cada um quer se apresentar de maneira mais sofisticada, para impressionar. Isso faz perder uma das principais características do carnaval, que a espontaneidade, mas não deixa, afinal, de ser carnaval. Uma das principais mudanças verificadas é que o carnaval de antigamente era mais de rua e menos de salão. Hoje é mais de salão e, conseqüentemente, menos de rua.

Além de folião, qual o outro tipo de atividade carnavalesca?

Vera Cruz? – duas vezes presidente da comissão do Festival de música carnavalescas do Maranhão.

Qual a sua mensagem para se fazer e brincar um bom carnaval?

Vera Cruz - estado de espírito propício e a alegria dentro de uma disciplina desejável, porque se pode tirar casquinha sem prejudicar, pode-se fazer uma boa exibição sem se desrespeitar, sem se tornar ridículo. Pena é que muita gente não esteja sabendo aproveitar o seu potencial de humor e alegria⁴².

O que se pode verificar é que o Carnaval em suas variações de manifestações é mais interessante e criativo na rua onde todos agem de forma espontânea, largamente associado a

⁴² Entrevista concedida a Francisco Jomar Câmara em

velhos e bons carnavais. Até o nome do bloco iniciado pelo brincante é sugestivo, inspirando outras brincadeiras e blocos. A exibição é natural, com músicas próprias que conquistam prêmios. Aqui o que é indispensável ao brincante de rua é o espírito de animação e respeito ao coletivo.

Um outro aspecto interessante a ser discutido é a função social do carnaval, particularmente aqui no que se manifesta no uso de mascaras no período de 50 e 60 do século XX. a grande distinção em relação aos antigos bailes de máscaras parecia consistir fundamentalmente na de ocultação de identidade feminina que iam além; as mãos de luvas e meias que omitissem até a tez da garota ou senhora. Já os homens que não se mascaravam se motivavam para ir as festas pela certeza de que encontrariam mulheres completamente sem pudor e sem receio de se tornarem reprimidas pelo comportamento liberto.

Na obra de Sandra Maria verificou-se que esse espaço e o uso das máscaras está relacionada as mulheres simples que buscam o lazer e reforçar os “papéis da normalidade”.

“... os bailes de máscaras foram o espaço do encontro do lazer de mulheres trabalhadoras, mães, chefes de família, cidadãs responsáveis que se permitiam usar e abusar de brincadeiras e de iniciativas que em ‘tempos normais’, no investimento de seus papéis de senhoras, de mães, de enfermeiras ou de operárias, eram proibidas”⁴³.

Essas máscaras permitiam inclusive que as mulheres de exemplar comportamento para aquela sociedade se diluíram em um mesmo lugar com outras que viviam profissionalmente do sexo, sem que durante a festa se fizesse qualquer diferença. Era ali onde provavelmente os papeis se invertiam, bem ao espírito do carnaval.

A carga de permissividade nesse grande estabelecimento aberto, com áreas em toda a zona urbana era comum amenizar pelas circunstâncias urbanas de São Luís de então, com perfil de província cujas rotinas era mais ou menos conhecidas, o que se revestia em segurança . A própria Sandra Nascimento enfoca em sua obra:

⁴³ Sousa, Sandra Maria Nascimento. A folia de mascaras. São Luís: Comissão Maranhense do Folclore, boletim 04 de fev. de 1996. Este resumo antecedeu ao trabalho completo que a autora publicou em 1998, intitulado “Mulher e folia”, que é a melhor análise das condições sócio-econômicas que contextualizaram esta manifestação.

Para os que residem, ou passaram pela cidade de São Luís, nos anos 50, é possível reconstruir o cenário das ruas estreitas, dos inúmeros casarões e sobrados revestidos de azulejos, das ladeiras e escadarias calçadas com pedras de cantaria. Nesse cenário, homens, mulheres e crianças, movimentaram-se em direção a seu trabalho, as suas casas, a escola, a igreja, pela Rua Grande, Rua da Paz, Rua da Alegria, dos Veados, no centro da cidade, ou pelas veredas dos becos, Beco das Minas, do Gavião, do Beco Escuro, e, mais ainda, pela Fonte do Ribeirão, ou Fonte das pedras. Nos feriados e fins de semana. No tempo de descanso, são indispensáveis as cadeiras nas calçadas, as conversas de vizinhos, ou a caminhada pela vertiginosa ladeira da Montanha Russa, em direção a amurada da Beira-Mar, para um banho de sol, ou para embarcar rumo a Praia da Ponta da Aréia⁴⁴.

Segundo reportagem de época, mostra que as categorias se misturavam em certos bailes sem fazer distinção de classe social:

Ora mocinha, você está triste porque o seu papai não pode levá-la aos bailes da alta sociedade? Faça uma fantasia, compre uma máscara e dance com segurança e tranquilidade nos selecionamos bailes que o Araçagi vai realizar a Rua Oswaldo Cruz⁴⁵

Porém existiam os clubes das elites como Casino Maranhense e Grêmio Lítro Recreativo Português estes localizavam no centro da cidade. Já os populares estavam na periferia de forma simples.

O uso da máscara em bailes levou as autoridades em 1965 proibirem, atendendo os apelos do setor mais conservador, o que tornou famosa a marchinha: *‘Cafeteira não quer, mascaras neste carnaval’*. Gerou críticas e crônicas jornalísticas com mais tonicidade empobrecendo o carnaval local.

Moças da sociedade costumavam sair nas manhãs de domingo, divertindo-se em dizer piadas aos conhecidos e improvisando matinais dançantes no bar do Hotel central, onde alguns curavam com água de coco e ressaca da véspera e outros mal começam a cultivá-la, com Brahma estupidamente gelada, que é como se pede em São Luís.

⁴⁴ Sousa, Sandra Maria Nascimento Mulher e folia: a participação das mulheres nos bailes de máscaras do carnaval de São Luís, nos anos 1950 e 1960. São Luís: SECMA, 1998, pag 59.

⁴⁵ O imparcial, 15 de janeiro de 1950.

Grande parte rapaziada concentra-se no bar do Castro (do cônsul espanhol Leôncio Castro), que aceita vales e, na hora de fechar, ainda empresta dinheiro aos fregueses para continuar a farra em bares que não fiam. Outros se arrancham no Moto Bar, onde o português Serafim prefere emprestar dinheiro ao freguês a ter que aceitar o espeto.⁴⁶

Porém, independente de diversas variações e mudanças de caráter social e simbólico, há um aspecto de espontaneidade, de criatividade e de diversidade para “cair na folia”. Criou-se em São Luís até uma casinha chamada “Casinha da Roça”, era um dos símbolos do carnaval de Cordões, feita de palha ou pindoba de tudo tinha um pouco, típico de casa do interior das panelas de barro a bebida típica da zona rural (branquinha ou a famosa tiquira). Até hoje se pode ver em desfile de escolas de samba como incremento nas alas.

E para resgatar os carnavais das décadas de cinquenta a setenta utilizamos, a imprensa, que não se cansava de entoar as brincadeiras que segundo Sandra Maria⁴⁷ começava bem antes do tradicional tríduo de Momo, é que chamamos a festa do Ano Novo (Reveillon), depois espalhavam aos clubes (bailes) e por último as máscaras que nos jornais da época era destaque lojas como A Colegial era enfática em noticiar:

Tem as últimas novidades recebidas diretamente do Rio:
Mascaras, meia mascara, alijoufrs colares, brincos
enfeites para havianas e baianas, pandeiros, tambores, diademas e
guisos, etc, etc⁴⁸

Pois bem, na sua essência o carnaval é uma festa de rua. Na maioria das grandes capitais, como destaca ainda o mesmo jornal no quadro “SOCIAIS” o Carnaval de antigamente era um acontecimento empolgante pela suntuosidade dos carros alegóricos, pelo luxo da fantasia, o concurso que era patrocinado pelo governo local e os meios de comunicações da época faziam toda uma expectativa para a festa momina (momo), desde a chegada no Aeroporto até a concentração da festa.

⁴⁶ O CRUZEIRO, 16 de março de 1963

⁴⁷ Sandra Maria Nascimento, Mulher e folia: A participação das mulheres nos bailes de máscaras do Carnaval de São Luís nos anos de 1950 a 1960.

⁴⁸ Extraído do jornal o IMPARCIAL 01/02/1950.

Em 1950 o Jornal Imparcial se congratula com o Prefeito Costa Rodrigues por deliberar fazer ressurgir o pomposo carnaval de rua dos outros tempos. *“É nessa iniciativa faziam vir outros telespectadores para a cidade aumentando a arrecadação de impostos e divulgação do Carnaval ludovicense”*⁴⁹.

Tudo isso se inseria em um ambiente de diversidade que iria ser favorecido naquela década, anunciado nos jornais:

“Pierrot Clube Carnavalesco, deseja ao seu público um feliz ano novo 1949-1950”⁵⁰.

Paquetá Clube...

Tudo esta previsto para a próxima vitória do ‘Paquetá Clube’, que este ano funcionará em amplo prédio a Rua Oswaldo Cruz, 301. ‘Paquetá Clube’ felicita seus frequentadores, desejando-lhes feliz ano-novo”.(Jornal O Imparcial, 1/1/50)

“Araçagi e General da Banda dando inicio a nova etapa no Carnaval sanluisense, o qual já freme com ardor, mesmo nestes primeiros instantes da presente temporada momesca da cidade, espera-se avultada influencia de dominós as sedes dos dois novos clubes, no centro da cidade, na rua Oswaldo Cruz, próximo ao tabuleiro da Baiana, e a Rua de Santaninha, esquina da Praça da Alegria”⁵¹.

“Assaltos carnavalescos na Rua de S. Pantaleão, oferecendo muita alegria, boas partidas, dançantes e ótimas morenas bem brasileiras. Radiante, pela sua tradição, como se vê há anos, vem sempre alcançando um sucesso inigualável, pela sua distinção a garotas infernais, em suma o ponto culminante de 1950”⁵².

“Os clubes populares abrirão as suas portas, em homenagem a chegada de Momo, para nos proporcionar magnifica noitada, fazendo-nos assim esquecer as tristezas da vida... Paquetá, Flamengo, General da Banda, Pierrot e tantos outros. O Dragão da Folia é o maior. Garotas as mais belas de todos os recantos da ilha se projetam para aquele clube do anil”.(Jornal O Combate,11/1/50)⁵³

Entretanto, mesmo com esses convites e todo envolvimento da sociedade elegante nos anos decorrentes, existiam certa restrições e campanhas moralizantes e que visavam higienizar e modernizar o carnaval. O próprio presidente da república, Jânio Quadros, proibiu em 1961, o uso de lança perfume que antes era a bacia d’ água ou bolas perfumadas e chegou até os bailes de mascaras, que juntamente com a igreja queriam eliminar a classe

⁴⁹ O Imparcial 01/02/1950

⁵⁰ O Imparcial 01/01/1950

⁵¹ O Imparcial 25/01/1950

⁵² O Combate 11/01/1950

pobre, e maltrapilha e suja, invadindo as ruas se gozassem o sarcástico prazer de expor ao publico as suas misérias. Jornais destacam-se:

“Enquanto brincamos nas ruas, em fôfões, e em escolas de Samba. O Diabo não gosta muito, e não metemos o corpo todo no inferno. Mas, quando entramos num desses bailes de mascaras, entramos de corpo e alma...

O Carnaval maranhense está se resumindo nesses bailes sórdidos... Os blocos, os desfiles dos Corsos, tem menor preferencia, ante o chamariz da indecência, a libidinagem, da imoralidade dos clubes dançantes.” (O Diário da Manhã, 20/1/59)⁵⁴

Uma paulistana, Maria Guterres, 29 anos relata o *‘Carnaval é como uma festa da Carne. Quando a festa termina os fieis se lembram de Deus e aparecem na igreja para pedir perdão pelas loucuras praticadas’*.⁵⁵

Sabendo que existiam os valores morais, crenças, superstições *‘a sociedade não significa nada sem os sujeitos que com ela interagem, sendo a reciproca verdadeira’*.⁵⁶

O Carnaval no início dos anos cinquenta era marcado pelo entusiasmo do folião, sua concentração ia da *‘praça Deodoro e Ruas Rio Branco, Nina Rodrigues, Osvaldo Cruz e praça João Lisboa, a um dos mais soberbos e empolgante espetáculos do carnaval de rua’*.⁵⁷

Neste momento era ate comparada ao Rio de Janeiro, como uma cidade modernizada, onde, o Prefeito não media esforço com as ornamentações:

“Iluminação perfeita e artisticamente distribuída’, juntamente com o ‘governador do Município, que não mede esforços em servir a população da cidade, tanto levando a eleito uma administração altamente realizadora quanto possibilitando ao povo oportunidade de expansão das suas alegrias, como está concorrendo nesta empolgante temporada carnavalesca de 1950” (O Imparcial 4/1/1950)

⁵³ Apud da obra de Sandra Maria Nascimento, obra já citada pags 134,135

⁵⁴ Apud da obra de Sandra Maria Nascimento, obra já citada pag 178.

⁵⁵ Revista Veja Carnaval e Cinzas n 76 mês 2 ano 1970

⁵⁶ Sandra, ob cit pag 198.

⁵⁷ O Imparcial 04/01/1950

Nas páginas dos jornais e nas emissoras de rádio destaca-se a prolongação desse período, apesar das restrições, sendo o carnaval um espetáculo fascinante a começar na preparação dos carros alegóricos, no luxo das fantasias, sem deixar de comentar os concursos e premiações, na alegria e este mesmo carnaval foi levado ao gosto das elites, partindo desse gosto a Prefeitura tratou de ressurgir o pomposo carnaval de rua de outros momentos .

“O Carnaval de rua, este ano promete ser mais movimentados, devendo suplantar os anteriores em animação.

A Prefeitura Municipal em colaboração com a Rádio Difusora do Maranhão, promoverão um grande desfile de blocos, escolas de samba e carros alegóricos, na Avenida Pedro II, em frente ao palanque que será armado nas proximidade do Ed. João Goulart. A câmara Municipal cooperando com as festas de Momo ofertara prêmios valiosos as Escolas de Samba e Blocos que se classificarem nos três primeiros lugares, devendo igualmente a Rádio Difusora ofertar valiosos troféus aos primeiros colocados.

Fugindo a rotina, não haverá desfiles na Praça Deodoro. O tráfego de veículos pela avenida Pedro II será suspenso a partir das 16 hs de domingo somente se permitindo tráfeguem por ali carros alegóricos inscritos até sábado para o desfile, os demais poderão estacionar na Avenida Beira Mar ou na Praça João Lisboa, conforme portaria da Inspetoria de Transito. A comissão de Cultura além de um representante de cada órgão da imprensa sanluizense⁵⁸

Para manter a ordem e animação ser cem por cento alegria, o jornal publica através das autoridades que o percurso era permitido ao brincante, as escolas de samba, blocos, até os meios de transportes eram alterados na qual este eram utilizados linhas de ferro pois nesse período (1961) usava-se os bondes;

São Luís, em pleno Carnaval – Desfiles dos blocos e escolas de samba a avenida Pedro II – Bailes no Teatro e nos clubes sociais - Grandes festas nos clubes populares – No horário do Corso os bondes, não tráfegarão no centro da cidade⁵⁹

Antes o côrso percorria outro itinerário, este ano de acordo com a portaria da Chefatura de Polícia da qual publicamos, a seguir um trecho para melhor orientar a população. Percebe-se que a ordem mesmo do brincando, o Carnaval era estabelecida uma certa estrutura para evitar as brigas e transgressões tanto que neste período ‘*não era permitido a parada de blocos e escola de samba a Praça Deodoro*’. (Imparcial 13/2/61)

⁵⁸ O Imparcial 08/02/1961

⁵⁹ O Imparcial 13/02/1961

Os clubes que se destacavam nesse período, no sentido mais reservado, controlado pela categoria social, na compra de bilhetes e exclusão dos menos favorecidos eram: O Teatro Arthur Azevedo, na qual neste mesmo período os jornais enfatizavam como a casa de diversão caprichosamente. Outros bailes eram entre o Casino Maranhense, Grêmio Litero Recreativo Português, Clube Recreativo Jaguaré e Clube dos Sub-tenentes e Sargentos de São Luís, estes clubes eram referência às camadas mais altas da sociedade. Havia ainda os blocos segundo Rosa alguns são:

É do Casino e o É só pra olhar, ambos só e moças, e os sentenciados, É do Baralho, O Óba e Bando da Lua, integrados apenas por rapazes, retratando a separação dos sexos no Carnaval da época⁶⁰.

Mesmo com essas separações ambos se divertiam e as vezes com seus próprios parceiros sem saber pois existia as máscaras para camuflarem suas identidades. Existiam os clubes populares onde não era em pequena intensidade as festas e usavam qualquer tipo de indumentária e disfarce para a animação:

“Um fofozinho que tinha um barrete preto na cabeça e os pés calçavam sandálias de cetim encarnado, parecendo que um colete elástico não faltava a armação daquele estranho ‘Carnaval’...”

...De máscara e de luva não dava para conhecer. Quando o baile estava pra terminar, aí ela se fazia de bebida, ia no banheiro...

...Comia tudo, bebia tudo, não sentia nadinha...⁶¹(Apud Sandra pág. 158)

Os trajes as formas de animar-se não importava, porém as extravagâncias com a bebida e as brigas eram contornadas e inibidas por portarias como cita em um trecho do jornal, Imparcial(13/2/1961):

⁶⁰ Santos, Roza – Velhos Carnavais, Velhos Foliões – Comissão Maranhense de Folclore, Agosto de 2000 boletim on line n 16.

⁶¹ Apud Sandra pag 158

“É a seguinte a parte inicial da portaria do Chefe de Polícia, para comprimento nos dias doze, treze e quatorze de corrente, a qual determina:

Que o côrso tenha lugar das 16 as 20 horas, obedecendo o seguinte percurso: Praça João Lisboa, rua Osvaldo Cruz Rodrigues, Rodrigues Fernandes, Rio Branco e Praça Gonçalves Dias descendo pela rua Rio Branco, Coronel Colares Moreira e retornando pela praça João Lisboa

Que os ônibus e lotações, com exeção dos de linha e São Pantaleão, façam seus pontos terminais no Parque Urbano Santos em frente ao Palácio da Educação, fazendo os de São Pantaleão o seguinte percursos: Rua José Augusto Corrêa Senador Costa Rodrigues, Avenida Ribamar Pinheiro, Praça da Saudade, rua Rodrigues Fernandes, José Barreto, Antônio Rayol, Praça do Mercado Municipal e Avenida Magalhães de Almeida, estacionando no local determinado por esta Inspetoria’.

Meio a animação e portaria vários casos foram registrados nos jornais sobre alcoolismo, brigas, tiros como destaca as seguintes notas:

“Casal de foliões dormiu na rua:

Depois de uma noitada em um dos clubes populares desta cidade, os amantes João Carlos Cutrim e Terezinha de Jesus Ribeiro, altamente alcoolizado, deitaram numa calçada no Apeadouro e dormiram no relente até as primeiras horas da manhã de ontem. Populares ao depararem com o casal, procuraram acorda-lo que não foi possível. Alguns afirmaram que ambos se encontravam mortos.”⁶²

Este casal estavam altamente alcoolizados que encontravam em coma profundo, segundo a análise médica.

“Na Avenida, Gomes de Castro um senhor, quando intervia em uma luta, em defesa de um amigo feriu, a tiro de pistola, sua própria esposa.”⁶³

⁶² O Imparcial 09/03/1961

⁶³ O Imparcial 06/02/19651

Entre essas e outras tragédias que vem acontecendo a esses carnavais a policia usa estratégias para coibir cenas de desordem nas ruas e avenidas públicas. Faz reuniões com os delegados, deslocamento de trânsito e outras iniciativas para conter os excessos dos foliões.

As pessoas também utilizavam além do álcool o lança perfume e era permitido a venda, nos jornais era vendido com destaque nas páginas a quem lembra Augusto Aranha (1907) que esse “*produto era usado para iniciar uma paquera*”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembrar o carnaval de 1950 a 1970 é caracterizar um carnaval livre, aberto, natural, onde desprezava-se comissões julgadoras, arquibancadas e sem onerários para assistir ao espetáculos de blocos de corsos e grupos organizados (arlequins, pierrot...). O livre arbítrio era a brincadeira com energia e alegria principalmente os dias de momo.

Essa festa que é desde tempos longínquos, no Brasil, foi o entrudo nome de origem européia (Portugal e Espanha).

Como cita Roza Santos *“Era um tipo de brincadeira de rua que consistia em jogar água, pó, farinha e tinta nas pessoas.”*

Essas brincadeiras tinham um caráter grosseiros, sendo reprimida pelas autoridades e pessoas influentes pela ordem e bons costumes. Com esta interferência surgiram os corsos, os ranchos e os carros alegóricos com foliões jogando confetes e serpentinas.

Das ruas aos bailes que destacavam com grande influencia o Jaguarema, Casino, Litero e outros clubes com convites diários em jornais para irem as festas e trajés específicos para cada dia. As brincadeiras como corso, o Baralho, a Caninha Verde, Chegança, o Fandango, os grupos de Urso, os Blocos, os Lunáticos tornando o carnaval deste período de rua.

A aglomeração era na Praça Deodoro na qual era ornamentada com figura de Reis momos, palhaços, pierros, colombinas, arlequins e outras representações. No horário de pico os bondes deixavam de trafegar e este eram desviados seu trajeto. Nesse momento grupos de pessoas caracterizados ou vestida de qualquer jeito desfilavam pela praça.

As turmas que posteriormente foram denominadas de escolas tiveram sua presença neste período como a Turma do Quinto, a Favela, Mangueira e outras como estavam iniciando não tinham alas, depois foram se aprimorando nas décadas de 60 e tendo seu apogeu nos anos setenta.

A vivência e os sentidos dos fenômenos culturais são suas variações e muitas vezes diferentes. Então podemos dizer que o Carnaval é polissemico, tendo seu significado de acordo com o papel de cada pessoa na sociedade, os homens achavam que deveriam ir as festas e conduzir a festa em relação as mulheres e estas achavam que por estarem de

mascaras poderiam seduzir e dominar suas paqueras e seus flertes como achavam mais interessante.

As autoridades utilizavam as policias militares, meios de comunicações para dizer os trajés, os itinerários e o controle para evitar brigas, mortes e excessos de alguns brincantes.

A moda era importada e divulgada para as elites irem bem elegante e estarem atualizadas com o mercado carioca, principalmente em relação as mascaras.

É neste universo simbólico de riqueza, variado e flexível que é interessante terminar com esta estrofe de Chico Buarque:⁶⁴

Eu sou uma menina
 Meu tempo passou
 Eu sou colombina
 Eu sou pierrot
 Mas é Carnaval!

Não me diga mais quem é você
 Amanha tudo volta ao normal
 Deixa a festa acabar
 Deixa o barco correr
 Deixa o dia raiar

Que, hoje, eu sou, da maneira
 Que você me quer
 O que você pedir
 Eu lhe dou
 Seja você quem for
 Seja o que Deus quiser...

Seja você quem for
 Seja o que Deus quiser...

⁶⁴ Apud de Sandra Maria Nascimento na temática: No império da folia pag 133 da obra : Mulher e Folia, já citada anteriormente, na estrofe original em sua estrutura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

Jornais:

- Combate 11/01/1950
- CRUZEIRO, 16/03/1963
- Imparcial 01/01/1950
- imparcial, 15/01/1950
- Imparcial 25/01/1950
- Imparcial 01/02/1950.
- Imparcial 01/02/1950
- Imparcial 03/02/1961

FONTES SECUNDÁRIAS

ARAÚJO, Eugênio – **Não deixa o samba morrer: um estudo histórico e etnográfico sobre o Carnaval de São Luis e a escola Favela do Samba**, 2001 Ed UFMA pág 66.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações** 4 edição pág 07 1999 Ática São Paulo.

BURKE, Peter – **Variedades de História Cultural** 2ª Ed São Paulo Companhia das letras, pág 217 – 1983.

CALDAS, Waldenyr, **Cultura, Coleção para entender** vol 5 p. 11-20 São Paulo. Global 1986

CANCLINI, Nestor Garcia: **Culturas Híbridas** 4 ed. 2003

- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro **Carnaval Carioca**, Rio de Janeiro 1994
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis, 2001, p.13.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**, 4 Ed p 292. São Paulo Ática 1995
- DA MATTA, Roberto – **Carnavais, malandros e heróis** pág. 111,112 Rio de Janeiro, Guanabara, 1979
- JÚNIOR, Roberto Catelli: **Coletânea 500 anos de Brasil, História e reflexões** - Ed. Scipione 1999 São Paulo.
- MARTINS, Ananias Alves. **Carnaval de São Luís: Tradição e Mudança**. São Luís 2001
- MIRANDA, Leonardo Affonso de (1994) O Pereira. **Carnaval das Letras**, RJ, 39 ff.
- ORTIZ, Renato: **Cultura brasileira e identidade nacional** pág 8
- PASSOS, Iram de Jesus Rodrigues dos – **A transição da cultura popular para a cultura de massa. No Maranhão: Aspectos do Bumba-meu-boi Pirilampo** – 2ª ed. São Luis; Quatro Passos 2003.
- QUEIROS, Maria Isaura Pereira de – **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**, São Paulo *brasiliense*, 1990
- REAL, Katarina (1967) **O folclore no Carnaval de Recife**, 2 ed. Recife, 1990.
- REIS, José Carlos. **Tempo, História e Evasão**. Campinas: Papiros Editora, 1994.
- REVISTA **Veja** Carnaval e Cinzas n 76 mês 2 ano 1970

SOUSA, Sandra Maria Nascimento **Mulher e folia: a participação das mulheres nos bailes de máscaras do carnaval de São Luís, nos anos 1950 e 1960**. São Luís: SECMA, 1998, pag 59.

SANTOS, Roza – **Velhos Carnavais, Velhos Foliões** – Comissão Maranhense de Folclores, Agosto de 2000 boletim on line n 16.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

<http://liesa.globo.com/por08-históriadocarnaval-cronologia/históriadocarnaval>.